

# Trabalho por turnos inverte subida da década



Erika Nunes

erika@jn.pt

## População empregada

3.º trimestre de cada ano

Total (em milhares)



Turnos (em milhares)



Serão (em milhares)



Noite (em milhares)



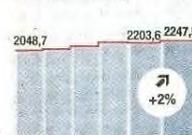
Sábado (em milhares)



Domingo (em milhares)



Outro (em milhares)



FOINTE: INE

**TRABALHO** A pandemia inverteu uma década de crescimento do número de trabalhadores que fazem turnos. Neste verão, menos 773 mil pessoas trabalharam em horários considerados fora do expediente. O arrefecimento da economia, o layoff e o desemprego explicarão o fenómeno que poderá aumentar com as restrições do atual estado de emergência.

No último verão, e em comparação com o homólogo do ano passado, o número total de trabalhadores diminuiu 3%, revelam os dados do Instituto Nacional de Estatística, recolhidos para o JN. Já o trabalho por turnos diminuiu 7,6%, depois de ter aumentado 31% entre 2011 e o ano passado. É ainda maior a descida dos que trabalharam ao serão (20,6%), à noite (27,6%), ao sábado (13,5%) e ao domingo (14%). Como explicar estes valores, num ano em que as horas extraordinárias batem recordes nalguns setores, como na Saúde, e o teletrabalho nem sempre cumpre horários?

## MENOS PRODUÇÃO

“O trabalho por turnos e em horas extraordinárias está associado a um aumento de atividade. Se a economia arrefeceu, é natural que diminua esse tipo de horários”, interpretou José Reis. O coordenador do Observatório sobre Crises e Alternativas sublinhou que a pandemia pode alterar o panorama de laboral “para pior, criando mais ‘desemprego’” (ler texto ao lado).

A quebra do volume de negócios e das encomendas explica a “diminuição da necessidade de mais horas de trabalho”, adiantou o presidente da Associação Empresarial de Portugal (AEP). Luís Miguel Ribeiro

rejeita a possibilidade de as empresas poderem estar a poupar nos custos acrescidos do trabalho extra (ler mais ao lado).

## TRABALHAR MAIS

Quanto ao ligeiro aumento (2%) dos que não trabalharam num daqueles horários, o sociólogo do trabalho Hermes Costa duvida que tal se deva à criação de emprego com melhores condições.

“Não é expectável que as condições de trabalho em geral tenham melhorado. A redução do trabalho ao fim de semana e, sobretudo, ao serão e de noite talvez se possa explicar por um misto de razões sanitárias e económicas”, analisou, notando que “redução no trabalho noturno pode significar também uma redução de compromissos salariais por parte das empresas”.

Algo semelhante sucedeu recentemente, no comércio, obrigado a fechar portas às 13 horas aos fim de semana e feriados e às 15 nas vésperas de feriados. “Há empresas a descontar as horas em que não podem ter porta aberta, aos sábados, domingos e feriados (menos 16 horas), nas folgas dos trabalhadores, sobrecarregando-os ainda com horas que têm de dar a mais durante a semana”, denunciou denunciou Marisa Ribeiro, dirigente do CESP - Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços. O sindicato pediu intervenção da Autoridade para as Condições no Trabalho, mas “não recebeu resposta, não houve fiscalização”.

Em contrapartida, há o “bom exemplo” das empresas que “anteciparam os turnos da tarde para a manhã, reforçando as lojas com pessoal para atender a maior afluência” ou as que “mantiveram os turnos e colocaram os trabalhadores a fazer reposição, mesmo após a porta fechada”.



Restrições ao funcionamento e à circulação afetaram horários do comércio,

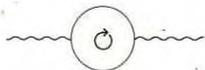
Neste verão, menos 773 mil trabalhadores fizeram horários ao serão, à noite, ao sábado e ao domingo

Há empresas a descontar folgas e exigir horas a mais por terem de encerrar mais cedo durante o fim de semana



SÉRGIO TAVARES / GLOBE PHOTOS

stauração e a hotelaria



Horários cortados, trabalho a dobrar

#### MAIS PESSOAL PARA ATENDER

O comércio é o mais afetado pelas medidas que obrigam a fechar mais cedo aos fins de semana e feriados. As “boas empresas reforçaram os turnos da manhã com o pessoal da tarde para lidar com a maior afluência e todos foram mais cedo para casa”, notou a dirigente do CESP.

#### REPOSIÇÃO DE PORTA FECHADA

Outras empresas da grande distribuição optaram por “manter os turnos da tarde, mesmo de portas fechadas, colocando os trabalhadores em tarefas de reposição”.

#### TRABALHADOR PERDE FOLGAS

Entre os “maus exemplos”, há empresas a “descontar as horas que são obrigadas a fechar nas folgas dos trabalhadores, obrigando-os a trabalhar mais durante a semana”.

#### TELETRABALHO SEM INTERRUÇÃO

Os serviços e o pessoal administrativo do comércio e da indústria estão, geralmente, em teletrabalho. “Seria difícil alterar [formalmente] os horários do teletrabalho porque seria preciso proteger o agregado familiar do trabalhador”, sublinha o sociólogo Hermes Costa.

#### LABORAÇÃO CONTÍNUA

Na indústria, a regra é a laboração contínua e, por isso, os turnos não foram afetados pelas restrições. Ainda que, explicou José Eduardo Andrade, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura e das Indústrias de Alimentação, “haja empresas a alegar quebras nas vendas para diminuir pessoal, quando os turnos se mantêm e não chegam para manter a produção”.



**José Eduardo Andrade**  
Dirigente SINTAB

“Há empresas a alegar quebras no consumo para despedir, mas mantiveram turnos de 12 horas rotativos com pessoal externo e mesmo assim a produção não chega para as encomendas. A pandemia está a servir para agravar a precariedade laboral”

**Marisa Ribeiro**  
Dirigente do CESP

“Com o comércio limitado às manhãs, há mais afluência e mais trabalho em menos horas e ainda há empresas a querer que os trabalhadores compensem 16 horas com menos uma hora semanal e duas horas extra em quatro dias da semana”



Desemprego aumentou 34% face a outubro de 2019

## Pandemia agrava risco de se criar mais “desemprego”

Investigadores divulgam para a semana plano de recuperação alternativo para economia

**ANÁLISE** A crise económica nascida da pandemia de covid-19 é um risco para os trabalhadores portugueses e pode vir a criar mais “desemprego”. O conceito pertence a três investigadores do Observatório das Crises e Alternativas do Centro de Estudos Sociais e é sinónimo de mais emprego precário, de menos direitos para os trabalhadores e de agravamento da pobreza. Na próxima semana, o Observatório apresenta um plano de recuperação da economia alternativo ao do Governo.

“Nos últimos anos, têm vindo a aumentar as novas formas de relacionamento contratual entre empregadores e trabalhadores, com desmaterialização de contratos e menos proteção do emprego, gerando um desemprego latente a que decidimos chamar ‘desemprego’”, resumiu João Ramos de Almeida. Com Ana Alves da Silva e José Castro Caldas, o economista assina o capítulo “Na periferia do emprego: o ‘desemprego’ e o imperativo da proteção sociolaboral”, que consta do 5.º relatório do Observatório, que será lançado na próxima terça-feira, recordou que a última crise teve efeito semelhante na sociedade portuguesa.

“Foi durante a chamada crise da troika que se alteraram leis que levaram à perda de direitos no emprego e de benefícios no desempre-

go, tornando mais fácil despedir, desvalorizaram os sindicatos e a contratação coletiva. Esta crise cria o risco de agravamento das condições, porque o aumento do desemprego pressiona e convence o trabalhador a aceitar condições contratuais mais frágeis”, explicou. “Ficou provado, com as medidas tomadas no tempo da troika, que a diminuição da massa salarial não aumentou a competitividade das empresas, mas criou um ciclo vicioso que produz baixo valor acrescentado e não estimula a economia”, acrescentou.

O trabalho é, precisamente, uma das vulnerabilidades do país referida no relatório que o Observatório das Crises e Alternativas apresentará na próxima semana. “Como reorganizar um país vulnerável” sugere uma abordagem inovadora à recuperação económica, centrada “nas pessoas que fazem das empresas grandes e não ao contrário”.

#### DESEMPREGO

403,6

mil pessoas desempregadas em outubro, mais 103 mil (+34%) do que no mesmo mês de 2019, segundo o Instituto do Emprego e Formação Profissional.

ENTREVISTA

“Quebras deverão prosseguir até 2021”

**Luís Miguel Ribeiro**  
Presidente AEP



Como se explica esta redução de trabalhadores em horários ditos fora do expediente?

Segundo o mais recente inquérito da Associação Empresarial de Portugal aos seus associados, grande parte das empresas prevê quebras acima de 25% neste último trimestre. Com menos exportações e encomendas, diminuiu a necessidade do número de horas de trabalho. Na indústria da restauração e da hotelaria, as quebras são ainda maiores e há muita gente em layoff.

**Tem conhecimento de haver empresas a descontar horas aos trabalhadores, como no comércio, por serem obrigadas a encerrar?**  
Penso que isso serão exceções, devemos estar atentos, mas a atenção terá de estar na quebra do volume de negócios e das encomendas. E na redução do consumo pois, mesmo nesta altura, as pessoas não estão com predisposição para fazer compras. A falta de confiança afeta toda a economia.

**Quando é que podemos contar com alguma recuperação?**

As empresas ainda estão a contar com quebras semelhantes às deste trimestre no primeiro trimestre do próximo ano. Há alguma esperança que o começo da vacinação, no início de 2021, possa dar confiança às empresas e à economia para a recuperação de alguma normalidade e, com ela, possa começar a haver uma retoma gradual.